

Beatriz Sarlo, o rigor e a lucidez



Beatriz Sarlo. *Clarín*,
fotografia sem autoria, 2014
(detalhe).

Idelber Avelar

Doutor em Estudos Hispano-Americanos pela Duke University/EUA. Professor do Department of Spanish and Portuguese da Tulane University, de New Orleans/EUA. Autor, entre outros livros, de *Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2021.
iavelar@tulane.edu

Beatriz Sarlo, o rigor e a lucidez

Beatriz Sarlo: rigor and lucidity

Idelber Avelar



Para além da lucidez de seu espírito, da erudição de sua bagagem intelectual, da coragem de suas posições e da independência contagiente de sua ética, Beatriz Sarlo me impressionava sempre, em congressos, conferências e poucos encontros pessoais que tivemos, por uma característica sua tangencial, não tão importante à primeira vista. Refiro-me ao seu desgosto visceral pelas analogias entre países e sua insistência na singularidade das experiências nacionais. Em círculos latino-americanistas impulsionados material ou imaginariamente pela academia dos EUA, nos quais o varguismo ou o petismo são pensados como análogos ao peronismo, a Unidade Popular chilena é vista como comparável com o chavismo, e confundem-se governos tão diferentes como os de Fernando Henrique Cardoso, no Brasil, e Carlos Menem, na Argentina, a insistência de Sarlo na singularidade das experiências nacionais acrescentava uma camada extra de lucidez à imagem dessa que foi a mais lúcida das intelectuais. Seu conhecimento minucioso da bicentenária história de uma dessas experiências – a da República Argentina – não tinha paralelo na relação de nenhum de nossos interlocutores com seus locais de estudo ou de origem. Sarlo foi uma intelectual argentina no sentido forte do termo: a impressão que transmitia é que nunca parava de pensar seu país, desde quando decifrava um dístico na lírica de Alfonsina Storni até quando interpelava transeuntes aleatórios nas ruas de Buenos Aires para auscultar suas percepções sobre a atualidade e a vida.

Além dos conhecidos brilhantismo e erudição, os traços essenciais de Sarlo eram uma inquietude extrema e uma honestidade intelectual quase insuportável. Na era dos tuítes escandalizados e das carreiras profissionais instagráveis. Seria fácil resumir a trajetória de Beatriz Sarlo a um mero exercício de vira-casacas: primeiro, ela foi uma marxista-leninista que apostou no peronismo revolucionário, com o qual rompeu claramente para, em um segundo momento, fundar uma revista cuja grande inspiração era o marxismo cultural e heterodoxo de Raymond Williams. Isso não a impediu de saudar com entusiasmo o espírito democrático de um presidente da União Cívica Radical (ou seja, em termos argentinos, um liberal secular e clássico) como Raúl Alfonsín. Participou com entusiasmo e confiança de iniciativas de construção de um partido de esquerda independente e democrático que rompesse a dicotomia entre peronismo e liberalismo, a Frepaso. Depois do naufrágio desse projeto, chegou a saudar com esperança a eleição de um peronista de província como Néstor Kirchner para, na sequência, paulatinamente, converter-se na crítica mais feroz do kirchnerismo, já na fase Néstor e em especial posteriormente, na fase Cristina. Criticou ferozmente o governo liberal de

Mauricio Macri e também a coalizão peronista de Alberto Fernández. Fechou sua trajetória combatendo e analisando criticamente o discurso “vazio e vulgar” do ultralibertário e populista de direita Javier Milei. Sempre manteve relações amistosas com o Partido Socialista de Santa Fé, entendendo a singularidade de sua experiência e a riqueza que ela poderia aportar para a constituição de uma legítima social-democracia argentina. É verdade que ocupou diferentes posições no espectro político ao longo da vida, mas suas mudanças sempre tinham lugar no que era menos conveniente, menos fácil e mais custoso. Por seu desassombro ante o peronismo, foi repetidamente xingada de “gorila,” termo reservado na Argentina para o golpismo de direita. Esse insulto, no caso de Sarlo, é particularmente absurdo e apenas revela o maniqueísmo de quem xingava. O horizonte da vida de Sarlo foi a construção de uma legítima social-democracia, pluralista, tolerante e secular.

Folheio intermitentemente, desde sua morte, os livros que mais me marcaram, na ordem em que eles entraram em minha vida: *Escenas de la vida posmoderna: arte, intelectuales y videocultura en la Argentina* (1994), *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina* (1992), *Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930* (1988), *Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura* (2001), *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo* (2005), a monumental compilação de mais de duas décadas *Escritos sobre literatura argentina* (2007), *Zona Saer* (2016), *Instantáneas: medio, ciudad y costumbres en el fin de siglo* (1996), *Borges: un escritor en las orillas* (1993), *La pasión y la excepción: Eva, Borges y el asesinato de Aramburu* (2003), *El imperio de los sentimientos: narraciones de la circulación periódica en la Argentina, 1917-1927* (1985). Propositalmente, listo as obras com seus títulos completos, para que se note o quão situacional sempre era a escrita de Sarlo. *Escenas de la vida posmoderna*, de 1994, talvez tenha sido seu primeiro livro pop, tanto por seu tema como pela difusão possibilitada por uma editora (Ariel) de alcance maior que Nueva Visión e Centro Editor de América Latina, nas quais havia publicado obras anteriores. Também nisso ela foi pioneira: qual intelectual de sua estatura teria escrito um livro assim em 1994, simultaneamente amoroso e crítico, e dedicado a fenômenos como os *videogames* e os *shopping centers*?

“Evacuada a história como ‘detalhe’, o shopping sofre uma amnésia necessária ao bom andamento de seus negócios, porque, se os rastros da história fossem evidentes demais e superassem a função decorativa, o shopping viveria um conflito de funções e sentidos: para o shopping, a única máquina semiótica é a de seu próprio projeto”, diz Sarlo em *Escenas de la vida posmoderna*. Para uma geração, como a minha, que havia nascido na virada dos anos 1960 aos 1970 e alcançava sua juventude adulta em meio aos doces sonhos da pós-modernidade globalizada da década de 1990, Sarlo nos parecia ranzinza, crítica demais, adorniana, negativa em demasia. Na medida em que se passavam os anos, e o otimismo soridente da era da Terceira Via dava lugar a uma realidade crescentemente distópica, em que se sucediam atos de terrorismo, invasões coloniais no Oriente Médio ou na Ásia Central, enclausuramento da internet em redes sociais regidas por aldeões com tochas, degeneração ditatorial de regimes de esquerda como o chavismo e a posterior ascensão da extrema-direita na Europa e nas Américas, íamos revisitando os textos da ranzinza Sarlo dos anos 1990 e concluímos: Sarlo estava certa. Não seria a última vez que chegaríamos, retrospectivamente, a essa conclusão.



Se a perspicácia de seus textos políticos com frequência nos impactava de maneira retrospectiva – pelo menos a nós, que circulávamos nos ambientes latino-americanistas e que ainda não havíamos passado pela profundidade de sua crítica ao marxismo e a formas salvacionistas de pensar em geral –, o arrebatamento que produziam em nós os seus textos de crítica literária era imediato. Beatriz Sarlo refez totalmente o cânone da literatura argentina moderna, começando já na vanguarda, na qual ela observou a singularidade de Alfonsina Storni, a poeta pobre, mãe solteira e que precisa legitimar seu discurso enquanto o enuncia, por oposição a Norah Lange, a poeta aristocrática de discurso pré-legitimado. Sarlo deixou marca indelével também na fortuna crítica de Jorge Luis Borges, na época inconsistentemente lido em um registro nefelibata, divorciado do contexto argentino que informa sua obra, e trazido por Sarlo a um terreno repleto de densidade histórica. Juan José Saer, hoje universalmente reconhecido como uma das vozes mais inovadoras e desafiantes do romance contemporâneo, foi apreciado durante muito tempo por um minúsculo grupo de leitores, entre os quais se contava Sarlo, que dedicava a ele, já em *Punto de Vista*, uma atenção arguta. Sarlo canonizou praticamente sozinha obras geniais e perturbadoras como a de Sergio Chejfec, e até sua morte leu com atenção e interesse a literatura das novas gerações. Dificilmente uma crítica voltará a ter um papel semelhante na reorganização do cânone literário de uma nação importante.

O legado de Beatriz Sarlo é de uma combinação entre rigor e lucidez que jamais lhe deixava opções simples e fáceis. A honestidade intelectual quase insuportável com que se comprometeu para fazer suas escolhas é uma inspiração que deve sobreviver ao tempo.

Texto recebido em 23 de dezembro de 2024. Aprovado em 30 de dezembro de 2024.